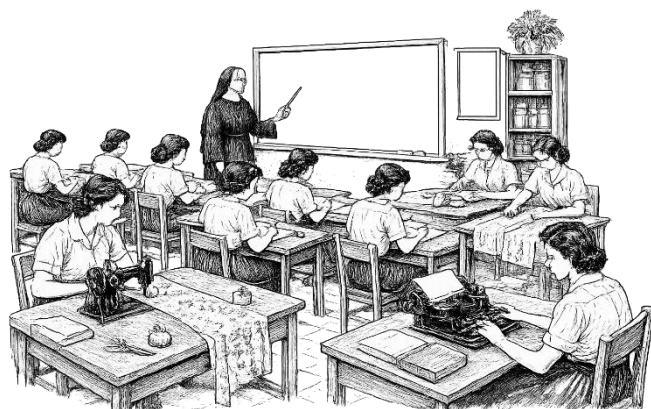


OUTRAS ESCOLAS



OVNI na Vila Odilon

Mensagem telepática: “não tenham medo!”

A gente até ganhava

Os alunos da Escola Profissional

A freira assediou a aluna?

Verdade ou vingança de alguém?

Boas maneiras, vírgula!

Aprender a usar vírgula ou a usar talheres?

O caminho da escola

A caravana ia se formando no caminho

Escola de “outro tipo”

Mais uma profissionalizante, do Sesi

E ninguém viu os ossos da baleia

O esqueleto estava exposto, mas foi embora logo



OVNI na Vila Odilon

Chyseide B. Escobar Gavião

Nossa pequena turminha era feliz: já tinha bullying, preconceitos, discriminação, mas a gente não ligava. Eu, pobre, bolsista no Santo Antônio, no meio de uma elite, tinha algumas poucas colegas queridas.

Em 1955, no quinto ano primário, era com a Neide, que vinha da Vila Odilon, quase outra cidade, que eu dividia minhas conversas nos intervalos.

Uma vez ela sumiu da escola por uma semana. Diziam que estava doente porque tinha visto um disco voador. O tom era de ironia, piada, até desprezo.

Fiquei apreensiva: a Neide era concentrada nos estudos, equilibrada. Até que ouvi a versão completa.

Como a Vila Odilon era longe, ela vinha de charrete com seu irmão. Bem cedinho iam para o pasto atrelar o cavalo. Um dia, coisa de seis horas, estavam nessa rotina quando, surpresos, viram um objeto que girava numa velocidade altíssima, a um metro do chão.

Ela e o irmão se agarraram na cerca de arame, assustados. O cavalo saiu em disparada. Ficaram ali, pasmos, até que o objeto parou no ar. Abriu-se uma porta e duas criaturas apareceram. Eram altas, bonitas, brancas e de longos cabelos. Conversavam entre si.





Quando olhavam para os dois, eles “ouviam”, incrédulos, uma frase em sua cabeça: “não tenham medo”. Telepatia! Mandaram essa mensagem várias vezes. Os dois, assustados, não conseguiam sair do lugar.

Finalmente, as criaturas entraram na “nave”, movimentaram o objeto na mesma velocidade e subiram verticalmente até desaparecer. No local onde estava, ficou um círculo de grama queimada.

Assim, em choque, ficaram sem aparecer na cidade por dias. Cada vez que a Neide contava essa história eu ficava encantada. Nunca tive medo. Sempre acreditei. Acredito até hoje.

Passados vários anos, encontrei minha colega em uma festa na chácara de um amigo. Agora, duas adultas, formadas, lecionando. Alegres com o reencontro, conversamos muito. Eu perguntei do OVNI. Depois de tanto tempo, ela poderia rever a história. manteve a história e garantiu que era verdade.

Então conto isso agora, para deixar registrada uma visão particular do que, na época, foi um alvoroço. Saiu no jornal e foi falado por muito tempo.

A Neide, que está viva, se ler esta história, vai se lembrar de tudo e confirmar. Espero que ela goste do nome Neide, que usei para preservar sua privacidade.

Um forte abraço, Neide!





A gente até ganhava

Euclides Rossignoli

Em fevereiro de 1951, fiz 12 anos e fui estudar na Escola Profissional de Ourinhos, na Vila Margarida: curso de Ajustagem Mecânica de 2 anos. Aprendi, em aulas práticas e teóricas, a fazer artefatos de ferro, como ferramentas, de acordo com desenhos técnicos.

Além de salas de aula, a escola tinha uma boa oficina, com bancadas com morsa, tornos, fresas, forjas e bigornas. Cada aluno tinha sua bancada e recebia, como ferramentas, escala, arco-de-serra, lima e paquímetro. Recebíamos o material bruto, barra, lâmina ou tarugo de ferro junto com o desenho da peça a ser feita. Trabalhávamos o material na bancada usando a morsa e as ferramentas que nos davam. Acabada, um dos mestres conferia e providenciava o material e o desenho da próxima peça. Íamos das coisas mais simples para as mais complicadas, aquelas em que tínhamos de usar o torno e a fresa. A primeira peça era uma ferramenta muito simples, o saca-bucha. Depois vinham esquadro, martelo, arco-de-serra.

O dia começava com aulas das duas disciplinas mais afins do curso: desenho técnico e tecnologia (nada a ver com o termo atual). Depois, a oficina. As aulas de desenho técnico eram com o professor Olavo, que era de Tatuí. As de tecnologia eram com o professor Homero Taveiro Ramos. Os dois comandavam as atividades da oficina.

Eu gostava muito da escola, apesar de não ser valorizada pela comunidade





Tive um bom número de colegas nisseis, cujos pais sabiam da sua importância.

Foi nesta escola que ocorreu o intrigante fenômeno de um aluno que apareceu de uniforme na cor verde, quando todos (eu disse todos) os outros estavam vestidos com a cor caqui. É que os professores passaram quase um mês explicando que o uniforme era na cor caqui, mas ele, o de verde, que por ironia era filho de um professor, argumentava que ouviu muito bem que o uniforme tinha que ser na cor verde, verde garrafa. A maioria dos professores e alunos concluiu que estávamos diante de um mistério! E eu, até hoje, nem sei se existe essa tal cor verde garrafa.

Detalhe interessante: o governo nos pagava um dinheirinho, certamente com o propósito de desestimular evasão. Tenho saudade daquela escola e daqueles tempos.





A freira assediou?

Ana Lúcia Chiaradia

O caso que vou contar não sei se é verdade, mas movimentou demais o Educandário Santo Antônio.

Certo dia, chegando para a aula, logo de manhãzinha, percebi um alvoroço e um “disse-me-disse” que não era comum naquela hora. Todo mundo meio que dormindo em pé, meninas assustadas.

Corria, à boca pequena, a história: a freirinha que tomava conta do dormitório tentou agarrar uma delas durante o banho. E a menina não gostou e reagiu.

Disseram que foi uma correria danada de meninas e freiras que ainda dormiam quando a gritaria começou. Meu Deus, foi um dia memorável!

Parecia ser coisa inventada por alguma interna revoltada sei lá o porquê! Depois de um tempinho, a irmã apontada desapareceu do pedaço. E daí foi motivo de outro falatório.

Se foi fato, não sei.

Mas o falatório aconteceu!





Boas maneiras, vírgula!

Ana Lúcia Chiaradia

Tinha 10 para 11 anos quando fui para o ginásio no Santo Antônio: uma professora para cada matéria e quantas! Percebi uma diferença entre o que eu aprendia lá e muitas amigas aprendiam no Horácio.

Enquanto no Horácio se aprendia o uso da vírgula ou achar um misterioso “x”, no Santo Antônio nos ensinavam como sentar, usar talheres, não sentar de pernas abertas e adivinhem o que mais? Era proibido passar na frente do Café Paulista, o ninho de cobras. Era para não 'ficar falada'.

Meu cunhado, religioso, conseguiu uma graça e tinha feito uma promessa de comungar por trinta dias. Eu, beata, resolvi acompanhá-lo. Igreja velha, 7 horas.

Terminada a Missa ele me levava junto para tomar café. Adivinha onde?

No reduto da perdição: o Café Paulista.

Paguei esse pecado comungando mais 30 dias.





O caminho da escola

Cidinha Teixeira de Freitas

Era aquele sol de meio-dia, em Ourinhos. Quem conhece sabe.

A gente, criança, de 7, 8, 9 anos ia prá escola sem gente grande tomando conta. Não precisava. Não tinha ladrão e ninguém sabia o que fosse um estuprador. Ah, sim, ninguém tinha carro.

E nem sentia tanto calor, apesar da saia de casimira, da meia preta, do sapato fechado. Era a idade. Carregava a pasta com material escolar, que era quase maior do que nós. Além da lancheira, claro.

A subida começava na Barra Funda, passava a linha do trem, cruzava o jardim até a 9 de Julho (ou ia direto pela rua São Paulo), pegava a Arlindo Luz ou a Rio de Janeiro para chegar no Colégio Santo Antônio. No caminho, iam aparecendo outras meninas, com a mesma roupa, no mesmo caminho. A gente chegava em grupos.

Alguma noviça (chamada de Soror) estava lá esperando. Quando não era a própria irmã Benigna, que colocava ordem em tudo.





Escola de “outro tipo”

Vera Lúcia Mandolini Marcatti

Era uma construção na rua Barão do Rio Branco, na Vila Perino. A gente ficava acompanhando e nem imaginava o que podia ser. Mesmo quando a construção terminou, o povo ainda especulava.

Até que chegou o dia da inauguração: homens de terno, carros de luxo, palanque, discurso. E nós lá, assistindo sem entender nada! No outro dia, uma fila para fazer matrícula: era uma escola!

- Mãe, vai lá sabê! É pertinho, dá pra gente estudá ali.

Lá foi a mãe saber.

- Vocês vão continuar onde tão mesmo, no Grupinho e no Ginásio, ali é outro tipo de escola.

E eu soube que a escola do Sesi era "outro tipo de escola". Era mais uma escola profissionalizante.

Nós não fomos, mas minha mãe foi.

Em 1969, lá mesmo, abriu uma sala de MOBREAL: ela se matriculou, para aprender a ler e escrever aos 32 anos.

A Dona Rosinha era decidida!





E ninguém viu os ossos da baleia

Clyseide B. Escobar Gavião

Na saída da aula, um aviso que deixou todas as meninas alegres:

Amanhã, não tem aula.

Vocês vão ver a carcaça da baleia.

Duas freiras iam nos levar para ver os ossos da baleia, montados no centro da cidade. Foi em 1956 ou 57. De vez em quando as freiras nos levavam para passear na cidade. Era um refresco para todas.

Eu sabia que a baleia não estava mais lá, mas fiquei bem quieta. A cidade inteira tinha ido ver. Eu não fui por um motivo muito simples: embora fosse barato, o dinheirinho da minha mãe não dava nem para isso.

Havia um terreno vazio ali ao lado do Bar Central. Logo abaixo vinha o dentista, a farmácia, o doutor Monzilo, o Thomé e a Casa Nortista, de frente para o jardim, continuação da Altino Arantes.

Esse terreno era sempre alugado para exhibir extravagâncias, como a mulher barbada. Uma vez um faquir ficou lá sem comer, deitado em uma cama de pregos, na companhia de duas cobras, por trinta dias.





E ninguém viu os ossos...

No dia seguinte fomos felizes para a escola e felizes para o passeio. Se eu sabia que a baleia tinha sido levada, outras meninas também sabiam. Mas ninguém falou nada para não perder o passeio.

Chegamos. As duas freiras viram o terreno vazio. Surpresa. Foram perguntar, a baleia tinha ido embora há três dias. As meninas tentavam disfarçar suas risadinhas, olhando o chão, tapando a boca. A decepção e a sensação de terem sido enganadas deixaram as freiras furiosas. Voltamos a toda e nos fecharam em uma sala.

Cada uma tinha que explicar o porquê de não ter avisado. Não sei o que as outras disseram nem lembro o que eu disse.

Mas aprendemos muito naquele dia.

